

Israel: A singularidade histórica do povo de Deus

Notícia sobre a sessão do CEMES, dia 30 de Abril de 2016

igreja
do
mirante

“Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor.”

Deuteronómio 6: 4

Desde a Antiguidade, o povo de Israel foi sempre controverso, suscitando tanto paixões fervorosas como ódios profundos e horrorosas perseguições. Na verdade, a polémica em torno do povo de Israel, aparentemente insignificante no contexto dos povos da Antiguidade, perdura até à atualidade, bem patente no conflito no Médio Oriente. Enquanto cristãos, de tradição protestante / evangélica, ensinaram-nos a reconhecer os israelitas como um povo especial – o povo escolhido por Deus. Através da Bíblia ficamos a conhecer a sua História e familiarizamo-nos com o testemunho de vida dos seus patriarcas, juízes, reis, profetas,... Do povo de Israel recebemos a revelação da existência de um Deus único, Todo-Poderoso, Criador, que intervém na História. De alguma forma, sentimos que recebemos dos judeus os valores que são alicerces da sociedade ocidental. Nesse sentido, consideramo-nos herdeiros das promessas de Deus ao povo de Israel, apesar de uma diferença fundamental - a universalidade do Cristianismo. Enquanto cristãos cremos que Jesus Cristo, o Filho de Deus, veio alargar essas promessas a todos povos e a cada ser humano independentemente de ser judeu ou de outra qualquer nacionalidade, da raça, do género, do estatuto social. Essa “boa notícia” não se cansou de repetir Paulo nas suas epístolas aos Romanos 10: 12, aos Colossenses 3: 11 e, ainda, aos Gálatas 3: 38.

A sessão do CEMES do mês de Abril focou o tema: Israel: A singularidade histórica do povo de Deus. O orador convidado foi o Pastor Abel Pego, que desenvolveu o tema, seguindo três vertentes – História, Aliança e Tora. O orador é o pastor dos nossos vizinhos da Igreja Batista de Cedofeita e um entusiasta do povo de Israel. Começou por questionar a razão do povo de Israel ser tão controverso, assim como o impacto que teve sobre o mundo, um impacto muito maior do que a sua reduzida dimensão faria prever. Nos nossos dias, contam-se cerca de 5 a 6 milhões de judeus a viver no território por eles ocupado e cerca 14 milhões de judeus ao todo no mundo, um número que inclui também os que continuam a viver na diáspora. Na Europa, atualmente, só se encontrarão centenas de milhares de judeus. Num breve preâmbulo, destacou algumas personalidades de ascendência judaica que se têm distinguido nas mais diversas áreas do conhecimento e das artes, como Karl Marx, Sigmund Freud, Albert Einstein, Steven Spielberg, Woody Allen. Por último, lembrou a origem judaica do próprio Jesus, o cerne do Cristianismo, e de Paulo.

No que diz respeito à origem da História do povo de Israel lembrou o patriarca Abraão e o seu pai Tera, nomeadamente a sua chamada para realizar uma viagem, com partida de Ur, na antiga Suméria, em direção à Terra de Canaã. A partir daí, em breves traços, o orador desenrolou toda a história de Israel até aos nossos dias. Lembrou Jacob na origem das 12 tribos, a preponderância de José no Egito e o posterior tempo de escravatura. Recordou Moisés, a libertação do povo e os 40 anos de travessia do deserto, um tempo importante para a formação da identidade do povo e para reforçar o seu sentido de solidariedade. Falou de Josué e da conquista da Terra Prometida, destacando o texto de

Josué 24, em que ele incentiva o povo a manter a sua fidelidade a Deus e dá o seu testemunho pessoal diante de todos. De uma maneira geral, o tempo dos juízes foi classificado como trágico, marcado pela desobediência a Deus. Foi mencionado Samuel e a época dos reis – Saul, o primeiro rei, mas sobretudo o tempo de apogeu do Reino de Israel com David e Salomão. Seguiu-se Roboão e a divisão do Reino em Israel e Judá. Referiu o desaparecimento das tribos de Israel, por volta do ano 700 a.C. e os fortes laços culturais e religiosos que os descendentes de Judá, a tribo remanescente, conseguiram manter quando foram levados para o exílio na Babilónia. No regresso do cativo, destacou-se o comando de Zorobabel, assim como a reconstrução do Templo em Jerusalém. No pós-exílio, Esdras e Neemias foram os responsáveis pela organização social e religiosa, o que permitiu que os judeus desenvolvessem um forte sentido de união e resistência à dominação estrangeira, estabelecendo redes de ligação com as suas comunidades mais distantes, o que facilitou a sobrevivência das suas tradições. O Império de Alexandre reforçou as interações entre gregos e judeus, num relacionamento que começou por se revelar fascinante para ambas as partes, mas que também gerou alguma oposição interna. Após a morte de Alexandre, os judeus ficaram encurralados entre os que governavam o Egito e os que se encontravam a norte. No Egito, durante a dinastia dos Ptolomeus existiram lá cerca de 1 000 000 de judeus e centenas deles foram vendidos como escravos. Entre os judeus surgiram os que defendiam a fidelidade ao Judaísmo, procurando reduzir a influência da cultura helenística, reimpôr a religião judaica, expandir as fronteiras de Israel e reconsagrar o Templo de Jerusalém, que consideraram profanado pelos gregos. A subjugação pelo Império Romano aconteceu cerca de 37 a.C., sendo essa a situação no tempo de Jesus. Por volta do ano 70 um conflito entre judeus e romanos termina com a ocupação de Jerusalém, a destruição do Templo e a dispersão de muitos judeus para fora do seu território. No tempo do Imperador Adriano, um apaixonado pelo helenismo, os judeus davam muita importância à educação, que ministravam nas sinagogas. Os rabis eram mestres que transmitiam a memória do povo, o que permitiu a construção de relações entre as suas comunidades. Os judeus dominavam o conhecimento e o desenvolveram em áreas de navegação. O ensino da Tora e a cidade de Jerusalém, também conhecida por Sião, eram referências de união para os judeus na diáspora, que aprendiam a repetir salmos, como o 122: 1-4. Na Idade Média os judeus não podiam ser donos de terras. Nas cidades surgiram as zonas ocupadas pelos judeus, conhecidas por judarias, onde eles exerciam ofícios, dedicando-se ao estudo e às artes. Durante o Renascimento, os judeus foram médicos, cientistas, comerciantes, banqueiros... Muitos dos geógrafos que apoiaram o Infante D. Henrique na época dos Descobrimentos eram judeus. O orador considerou que a expulsão dos judeus, no tempo de D. Manuel I, foi uma tragédia, pois pôs em causa o nosso desenvolvimento, com repercussões até à atualidade. Apesar do envolvimento de Lutero na divulgação da Bíblia, considerou que ele não era amigo dos judeus, talvez por eles não abandonarem o Judaísmo. Com a Revolução Francesa, os judeus viram reconhecidos os seus direitos civis, a religião judaica e a sua integração na sociedade francesa. Mais tarde, Hitler terá usado muitos dos argumentos de Lutero para fundamentar o seu ódio aos judeus e para justificar a perseguição que desencadeou contra eles e que conduziu à eliminação criminosa de 6 000 000 de judeus nas câmaras de gás. Lembrando as imagens conhecidas das valas comuns encontradas nos campos de concentração nazis e a posterior reconstrução do Estado de Israel, em 1948, o pastor Abel Pego, salvaguardando o cuidado que devemos ter na interpretação das Escrituras, atribuiu um valor escatológico ao texto de Ezequiel 37, que fala do vale de ossos, já que soa a uma descrição desses acontecimentos. Assim, no final da II Guerra Mundial o número de judeus estaria reduzido a 700 000 e o regresso à Terra Prometida permitiu o

reencontro não só com o território prometido a Abraão, mas também com a sua identidade cultural, nomeadamente a recuperação da sua língua original – o hebraico, tal como se falava e escrevia no tempo do profeta Isaías.

A Aliança do povo de Israel com Deus é uma constante, por diversas vezes confirmada e renovada através dos tempos. Génesis 17 refere os termos da Aliança com Abraão e os seus sinais visíveis até à intimidade, pela circuncisão, abrangendo a descendência. A Aliança foi renovada com Jacob numa luta, referida em Génesis 32, de que ele saiu abençoado. Êxodo 19 narra a renovação da Aliança, através de Moisés, conferindo ao povo de Israel o papel de reino sacerdotal, de povo santo com uma missão no mundo. O texto de Deuterónimo 6 é como que uma confissão de fé de todo o judeu ortodoxo. David viu confirmada essa Aliança, de acordo com o que podemos ler em II Samuel 7. A Arca da Aliança representava o próprio Deus entre o seu povo. Em relação aos cristãos, lembrou que sempre que celebram a Santa Ceia e repetem “fazei isto em memória de mim”, estão a celebrar a Nova Aliança com Deus, agora através de Jesus Cristo.

Por sua vez, a ligação do povo de Israel à Tora ou Lei também se manteve ao longo do tempo e funcionou sempre como um suporte da identidade e unidade. Nesse sentido, o povo de Israel desenvolveu um sentimento de superioridade em relação aos outros povos o que, em hipótese, poderá explicar o antissemitismo. A Lei tem uma parte doutrinária e outra ética. Em torno da Lei o povo de Israel afirmou-se no mundo como uma presença crente, um projeto religioso singular. A permanente busca de Deus e da santidade implica a separação de tudo quanto é mal e a ligação ao bem. Êxodo 34: 12 confere atributos ao único Deus – “...misericordioso e piedoso, tardio em irar-se e grande em beneficência e verdade, zeloso...”. – um Deus que, continuamente, se faz presente no meio do seu povo, apesar das suas infidelidades e iniquidades.

Como sempre acontece, à exposição seguiu-se um debate que gerou alguma polémica.